DIAMANTE DA LIBERDADE

Narrado por José Maria Quintino (Angola)

MENDES DE MIRANDA

Sumário

(Livro I)

Dedicatória 2
Apresentação 3
Introdução 5
Terra de Ouro e Correntes ..... 8 O
Peso do Quinto 17
Sombras na Cadeia ..... 28 O
Preço da Liberdade ..... 38 A
Pedra que Mudaria Destinos 48
Promessas no Caminho do Oeste 59
Pelas Fronteiras da Mata 70
Febres da Fronteira 80

(Livro II)

A Última Jornada ..... 01 A
Cidade e o Novo Destino 12
Conclusão 23
Mendes de Miranda 25

Dedicatória

A todos os homens e mulheres escravizados que, mesmo carregando o peso das correntes, nunca deixaram morrer o desejo de liberdade.

Aos que atravessaram matas, rios e fronteiras em busca de um novo destino, e que, em terras distantes como a Bolívia, conseguiram finalmente respirar como homens livres.

Que suas histórias, muitas vezes esquecidas pelo tempo, permaneçam vivas na memória daqueles que acreditam que a liberdade é um direito que nenhum homem pode negar a outro.

Dedico também estas páginas aos tropeiros que desbravaram os caminhos do interior do Brasil e da América do Sul.

Homens da estrada, que enfrentaram serras, tempestades, rios caudalosos e longas jornadas para abrir rotas onde antes existiam apenas trilhas na mata.

Entre cargas, poeira e silêncio, eles ligaram povos, cidades e destinos.

Que esta história seja também uma lembrança de todos aqueles que caminharam antes de nós — uns em busca de riqueza, outros em busca de liberdade, mas todos guiados pela esperança de um novo caminho.

Mendes de Miranda
Outono de 2026

Apresentação

A história da formação do interior da América do Sul é feita de caminhos longos, poeirentos e muitas vezes esquecidos. Por essas estradas passaram tropeiros, comerciantes, aventureiros e também homens e mulheres que carregavam consigo o peso mais cruel daquele tempo: a escravidão.

Entre serras, matas densas e rios caudalosos, surgiram histórias que raramente foram registradas nos livros oficiais. Histórias de sofrimento, de coragem e, sobretudo, de esperança.

Diamante da Liberdade nasce desse cenário.

Inspirada no contexto histórico dos séculos XVIII e

e XIX, esta narrativa acompanha a jornada de Angola, um homem escravizado no Brasil que, ao encontrar um diamante em um garimpo clandestino, vê seu destino tomar um rumo inesperado. Aquilo que poderia ter sido apenas uma pedra perdida na terra transforma-se no início de uma travessia marcada por perigos, encontros improváveis e decisões que mudariam sua vida para sempre.

Ao lado de João Tropeiro — um homem acostumado às estradas e aos riscos do sertão — Angola atravessa regiões pouco conhecidas, seguindo rotas utilizadas por tropeiros que conectavam o interior do Brasil às terras que hoje pertencem à Bolívia. Nessa caminhada, surgem não apenas desafios da natureza e dos homens, mas também reflexões profundas sobre liberdade, confiança e destino.

Mais do que uma história sobre riqueza ou sorte, *Diamante da Liberdade* é uma narrativa sobre transformação. É o relato de um homem que nasceu sem escolher seu próprio caminho, mas que, em determinado momento da vida, recebe a rara oportunidade de construí-lo com as próprias mãos.

Esta obra não pretende apenas contar uma

aventura. Procura também lembrar que, por trás de cada rota aberta no interior do continente, existiram pessoas reais: tropeiros que enfrentaram o desconhecido e homens e mulheres escravizados que lutaram, de diferentes maneiras, para conquistar algo que sempre lhes pertenceu por direito — a liberdade.

Que o leitor encontre nestas páginas não apenas uma história, mas também um convite para olhar o passado com mais humanidade, reconhecendo a força silenciosa daqueles que caminharam antes de nós.

Introdução

Houve um tempo em que os caminhos do interior da América do Sul eram apenas trilhas abertas pela coragem dos homens e pela necessidade de sobreviver. Estradas de terra, rios largos e matas densas separavam povoados e cidades, e por esses caminhos viajavam tropeiros conduzindo mulas carregadas de mercadorias, notícias e sonhos.

Era também um tempo marcado por profundas

injustiças.

Milhares de homens e mulheres viviam sob o peso da escravidão. Arrancados de suas terras ou nascidos já sob o domínio de seus senhores, muitos deles jamais tiveram o direito de escolher o próprio destino. Ainda assim, dentro de cada um permanecia viva uma chama silenciosa: o desejo de liberdade.

Foi nesse mundo duro e incerto que começou a história que o leitor tem agora em mãos.

Diamante da Liberdade narra a trajetória de Angola, um homem escravizado que trabalhava em regiões de garimpo no interior do Brasil. Em meio à terra revolvida pelos homens e à constante vigilância dos senhores, um acontecimento inesperado muda completamente o rumo de sua vida: o encontro de um diamante.

Aquilo que poderia parecer apenas um golpe de sorte transforma-se no início de uma longa e perigosa jornada. Ao lado de um tropeiro experiente, Angola atravessa matas, serras e caminhos pouco conhecidos, seguindo rumo às terras da Bolívia. Durante essa travessia, enfrenta perigos, descobre novos aliados e, sobretudo, começa a compreender

algo que até então parecia distante: a possibilidade de viver como um homem livre.

Esta história é uma obra de ficção inspirada em contextos históricos reais. Ela busca retratar não apenas os caminhos percorridos pelos tropeiros e viajantes da época, mas também os sentimentos, medos e esperanças daqueles que viveram sob o regime da escravidão.

Mais do que a história de um diamante, este livro é a história de um destino que se transforma.

É a história de um homem que, em meio às sombras de um mundo injusto, encontrou no brilho de uma pedra algo muito maior do que riqueza.

Encontrou o caminho para a liberdade.

Terra de Ouro e Correntes

Caminho para o Arraial

Meu nome é Angola. Não sei se foi esse o nome que minha mãe me deu quando nasci, mas foi assim que passei a ser chamado desde que comecei a entender o mundo ao meu redor. Diziam que eu carregava esse nome porque meu pai e meu avô vieram de muito longe, de uma terra chamada Angola, além do grande mar. Eu nunca vi essa terra, mas muitas vezes imaginei como seria viver num lugar onde um homem pudesse caminhar sem correntes nos pulsos.

A negociação que decidiu meu destino aconteceu numa manhã abafada no mercado de escravos da Vila Boa de Goiás.

— *Mato Grosso* — disse o comprador. — *Dizem que os rios de lá ainda escondem muita riqueza.*

Fomos comprados quatro: eu, Bento, Joaquim e Tiago. Poucos dias depois da negociação, ainda antes de o sol nascer por completo, partimos em uma pequena tropa de mulas, acompanhados por um

homem de olhar duro chamado Zé do Mato, jagunço contratado para vigiar o caminho e garantir que ninguém fugisse.

A jornada parecia não ter fim. Caminhávamos por trilhas estreitas abertas no mato, subindo serras, atravessando campos queimados de sol e descendo por vales úmidos onde o ar cheirava a terra molhada. Os dias se transformavam em semanas. Às vezes eu pensava que aquele tal de Arraial do Ouro talvez nem existisse.

A travessia do rio Araguaia foi o momento mais tenso da viagem. O rio era largo, correndo pesado entre barrancos cobertos de mata. Construíram balsas com troncos amarrados, e fomos levados de um lado para o outro enquanto a corrente empurrava com força. A água batia contra a madeira e o barulho parecia o rugido de algum bicho gigante escondido no fundo do rio.

Alguns dias depois encontramos um pequeno grupo de índios chiquitos. Eles observavam de longe, silenciosos, com arcos nas mãos. Não houve luta, apenas troca de olhares longos e desconfiados. Depois desapareceram entre as árvores como se

fossem parte da própria mata.

E seguimos andando... andando... andando.

Às vezes parecia que caminhávamos para o fim do mundo.

Até que um dia, depois de atravessar uma última colina pedregosa, vimos fumaça subindo no horizonte e ouvimos o som de martelos batendo em madeira. Era o Arraial do Ouro.

Em 1748, o lugar ainda era jovem, mas fervilhava de gente. As casas eram feitas de pau-a-pique e barro, cobertas por telhados de palha ou telhas irregulares. Algumas construções maiores pertenciam aos donos de lavras e comerciantes, com varandas de madeira voltadas para a rua principal. As ruas não eram ruas de verdade — apenas caminhos de terra batida, marcados pelas pegadas de homens, mulas e carros carregados.

Havia barracas vendendo ferramentas, farinha, carne seca e cachaça. Ferreiros batiam metal o dia inteiro. Padres caminhavam apressados entre os barrancos, enquanto aventureiros, soldados e garimpeiros falavam alto sobre novas descobertas de ouro.

Mas por trás daquele movimento todo havia outra vida, mais silenciosa: a dos escravizados, que carregavam água, cavavam barrancos e lavavam a areia dos rios.

Quando entramos no arraial, percebi uma coisa.

Aquele lugar brilhava de ouro... mas também pesava o peso das correntes.

No Coração da Mata

Nossa passagem pelo Arraial do Ouro foi curta. Mal tivemos tempo de entender o movimento daquele lugar quando o patrão, Manuel Antônio Domingos, começou a organizar nova partida. Ouvi ele dizer a Zé do Mato que os rios mais promissores não estavam perto do arraial, mas escondidos mais para dentro do mato, onde poucos homens tinham chegado.

E assim voltamos ao caminho.

Caminhamos por quatro, talvez cinco dias. Perdi a conta exata. Quando se anda acorrentado ao cansaço, os dias acabam se misturando. A trilha era cada vez mais fechada, o mato mais alto e o ar mais pesado. Às vezes parecia que a própria floresta tentava nos

impedir de avançar.

Foi então que encontramos um ribeirão de águas claras correndo entre pedras escuras. O patrão olhou o lugar com atenção e decidiu que ali montaríamos acampamento. A mata era fechada, espessa, com árvores tão altas que o sol mal tocava o chão em certos momentos do dia. O calor ficava preso entre os troncos, e os mosquitos dominavam o ar como uma nuvem viva que não nos deixava em paz.

A comida era pouca, mas a água era abundante. O ribeirão corria limpo e constante, e dele tirávamos boa parte do que nos mantinha vivos. Também aprendemos a observar os macacos que viviam nas copas das árvores. Ficávamos atentos aos frutos que eles comiam. Quando algum caía no chão, nós experimentávamos também. Se não nos fazia mal, passávamos a comer sem medo.

O riacho nos dava outro presente: peixe.

Com pequenas varas improvisadas e armadilhas feitas com galhos, pescávamos traíra, pacu, piaba e lambari. Não era fartura, mas era o suficiente para manter o corpo de pé.

A chuva era presença constante naquele lugar.

Parecia que o céu nunca ficava completamente seco. Por isso o patrão mandou que levantássemos abrigo. Primeiro construímos uma pequena casa de taipa para ele e para Zé do Mato, com barro socado entre varas e um telhado de palha mais firme.

Depois fizemos nosso próprio abrigo.

Era apenas uma cobertura de galhos e folhas, baixa e mal fechada. Durante a noite, quando a chuva apertava, a água gotejava sobre nós sem piedade. Dormíamos molhados muitas vezes, tentando encontrar alguma posição onde a água não caísse direto no rosto.

Mas o pior vinha depois que o sol desaparecia.

Nas noites mais silenciosas, ouvíamos onças rondando o acampamento. O som era baixo, quase um respiro pesado entre as árvores. Às vezes o estalo de um galho quebrado fazia nosso coração disparar.

Dormíamos os quatro acorrentados a um tronco grosso de uma grande árvore, que se erguia bem ao lado da nossa barraca. A corrente passava pelos nossos tornozelos e se prendia ao ferro cravado no tronco.

Tínhamos medo das onças.

Mas também tínhamos medo de fugir.

Porque naquelas matas imensas, onde o mundo parecia não ter fim, um homem sozinho podia desaparecer tão rápido quanto um rastro apagado pela chuva.

O Brilho no Fundo do Rio

O trabalho no garimpo começava antes mesmo de o sol aparecer por trás das árvores. Ainda era madrugada quando Zé do Mato nos acordava com o barulho seco do cabo do chicote batendo no tronco da árvore onde nossas correntes estavam presas. O ar da manhã era frio e úmido, e uma neblina leve costumava pairar sobre o ribeirão, escondendo parte da água entre vapores brancos.

Caminhávamos até a beira do rio com os pés ainda pesados de sono. A água parecia mais fria naquele horário, cortando a pele quando entrávamos até a altura dos joelhos. Cada um recebia uma bateia de madeira, larga e arredondada, já escurecida pelo uso constante.

O trabalho era sempre o mesmo.

Enchíamos a bateia com areia e cascalho do fundo do rio e começávamos a girá-la lentamente dentro da água. O barro se dissolvia, escorrendo pelas bordas enquanto o material mais pesado permanecia no fundo. Era um movimento repetido centenas de vezes ao longo do dia — girar, lavar, observar.

Os olhos ficavam presos ao fundo da bateia.

Ali, entre grãos escuros de areia e pequenos fragmentos de pedra, às vezes aparecia um brilho miúdo, quase tímido. O ouro.

Quando isso acontecia, era impossível não sentir o coração bater mais forte, mesmo sabendo que aquele brilho não nos pertencia. Era como se a própria terra piscasse para nós por um instante, mostrando um segredo antigo.

Eu muitas vezes me perguntava por que aquele pó amarelo tinha tanto valor para os homens livres. Vi gente viajar milhares de léguas por causa dele. Vi homens arriscarem a vida, abandonarem família e terra por causa de pequenas partículas que mal pesavam na palma da mão.

Mas naquele lugar ninguém fazia perguntas desse tipo.

Quando algum de nós encontrava um grão maior, Zé do Mato surgia imediatamente. Era como se tivesse olhos espalhados por toda parte. Aproximava-se devagar, observando com atenção, e pegava o metal entre os dedos grossos.

Ele examinava o brilho contra a luz do sol que começava a atravessar as árvores.

Depois soltava sempre o mesmo sorriso torto.

— *Continuem cavando...* — dizia com voz pesada. — A terra ainda tem muito para dar.

E voltava a caminhar pela margem do rio, vigiando cada movimento nosso.

Enquanto isso, eu às vezes levantava os olhos da bateia e observava o rio correndo livre diante de mim. A corrente seguia seu caminho sem pedir licença a ninguém, passando por pedras, curvas e troncos caídos.

A água não conhecia dono.

Nem correntes.

Foi ali, com as mãos mergulhadas na areia e o olhar perdido na correnteza, que pela primeira vez pensei que talvez existisse um mundo maior do que aquele pedaço de mata e ferro onde vivíamos.

Mas naquele ano de 1748, no fundo das matas do Mato Grosso, esperança era uma coisa perigosa de carregar no peito.

O Peso do Quinto

Dias de Areia e Ferro

Depois que o acampamento ficou pronto e o garimpo começou de verdade, nossa vida passou a seguir um ritmo que parecia não ter fim. Os dias eram todos parecidos, repetindo-se como a correnteza do ribeirão que passava diante de nós, sempre correndo, sempre levando embora o barro e o cansaço, mas nunca a nossa condição. Acordávamos ainda na escuridão da madrugada. Antes mesmo de qualquer claridade tocar as copas das árvores, já ouvíamos o som conhecido: o cabo do chicote de Zé do Mato batendo no tronco grosso da árvore onde nossas correntes estavam presas. O estalo seco atravessava o silêncio da mata e nos fazia levantar depressa.

O corpo quase sempre doía. As costas

reclamavam do peso das horas curvados sobre a água, e as mãos, com o passar das semanas, foram ficando ásperas e feridas pelo cascalho. No começo a água fria fazia os dedos tremerem, mas depois o corpo acostumava. A dor passava a fazer parte do dia como o sol e a chuva.

Entrávamos no ribeirão ainda com a neblina pairando sobre a água. Cada um com sua bateia de madeira, começávamos o trabalho repetido: mergulhar a areia, girar a bateia devagar, deixar a corrente levar o barro embora e observar atentamente o fundo escuro da madeira.

Às vezes o dia inteiro passava sem aparecer um único brilho.

Outras vezes surgiam pequenas faíscas douradas que faziam os olhos de Zé do Mato se acenderem. Ele se aproximava rápido, recolhia o ouro entre os dedos e guardava tudo num pequeno saco de couro preso à cintura.

Mas o trabalho no rio não era nossa única luta. Os mosquitos da mata eram quase tão cruéis quanto o cansaço. Picavam sem descanso, principalmente nas primeiras horas da manhã e quando a tarde

começava a cair.

Foi numa dessas caminhadas pela beira da mata que encontrei algumas plantas de arruda crescendo perto de um tronco caído. Eu já tinha visto minha mãe usar aquilo muito tempo atrás, quando ainda lembrava de pedaços da vida antes do cativeiro. Amassei as folhas entre as mãos e esfreguei o cheiro forte pelo braço e pelo pescoço.

Funcionou.

O cheiro espantava os insetos.

Naquela noite fizemos o mesmo com todos os outros. Esfregamos arruda na pele e, pela primeira vez em muito tempo, conseguimos dormir sem o zumbido constante dos mosquitos nos ouvidos.

Foi um pequeno sossego naquele mundo de sofrimento.

Mas nem tudo no acampamento estava tranquilo.

Certa tarde, enquanto eu carregava algumas lenhas para a fogueira, ouvi o Senhor Manuel Antônio Domingos conversando em voz baixa com Zé do Mato perto da casa de taipa.

O patrão parecia inquieto.

— *Os Dragões Reais andam rondando os*

garimpos — disse ele. — Estão procurando quem não paga o Quinto do rei.

Zé do Mato coçou a barba e olhou em volta, desconfiado.

— *E o ouro que temos?*

O patrão respondeu rápido:

— *Esconda tudo. Enterre em lugar que ninguém encontre. Se esses soldados aparecerem por aqui, não podem achar nada.*

Naquele momento senti um frio correr pelo peito. Se os homens do rei chegassem até aquela mata perdida, não seriam apenas as pepitas que estariam em perigo.

Nós também estaríamos.

A Carta que Veio do Arraial

Foi numa tarde abafada, daquelas em que o ar parece parar entre as árvores da mata, que algo mudou no nosso destino. O calor era tão pesado que até o ribeirão parecia correr mais devagar. Eu estava dentro da água, com os pés enterrados no cascalho do fundo, girando a bateia como fazia todos os dias.

O movimento já era automático: mergulhar a areia, balançar a madeira, deixar a corrente levar o barro embora e olhar com atenção para o fundo escuro da bateia.

Foi então que notei movimento na trilha que levava ao acampamento.

Um homem vinha montado numa mula magra, coberta de poeira da estrada. Ele usava chapéu de aba larga e carregava um pequeno saco de couro preso à sela. A mula caminhava devagar, como se também estivesse cansada da longa viagem.

Quem percebeu primeiro foi Zé do Mato.

Ele estava sentado numa pedra, vigiando nosso trabalho, quando se levantou de repente. Subiu o barranco com passos firmes e foi ao encontro do viajante. Os dois conversaram por alguns minutos, falando baixo demais para que pudéssemos ouvir.

Depois, Zé do Mato fez sinal para que o homem o seguisse.

Os dois foram até a casa de taipa onde o patrão costumava passar a maior parte do tempo.

Nós continuamos trabalhando no rio, mas todos olhávamos de vez em quando para a casa, curiosos e

desconfiados. A porta ficou fechada por um longo tempo. O calor da tarde parecia ainda mais pesado enquanto esperávamos.

Quando finalmente o homem saiu, montou novamente na mula e partiu pela mesma trilha por onde havia chegado, levantando uma pequena nuvem de poeira no caminho.

Pouco depois, o Senhor Manuel Antônio Domingos apareceu na porta da casa.

Ele ainda segurava um papel na mão.

Seu rosto estava diferente do costume.

Mais duro.

Mais carregado de preocupação.

Ele chamou Zé do Mato para perto, e os dois começaram a conversar em voz baixa. Mesmo assim, algumas palavras escaparam com o vento quente da tarde.

— *Dragões Reais...*

— *fiscalização...*

— *o Quinto do rei...*

Eu já tinha ouvido falar dessas coisas. Diziam que todo o ouro encontrado nas terras da colônia precisava pagar uma parte ao rei de Portugal. Era o

chamado Quinto, o imposto que os soldados da Coroa vinham cobrar nos garimpos.

Mas o nosso garimpo não existia para o governo. Estávamos cavando em terra escondida no meio da mata.

Na manhã seguinte, algo mudou de vez.

O patrão apareceu cedo no ribeirão com uma bateia nas mãos. Zé do Mato também entrou na água, algo que nunca tinha acontecido antes. Os dois começaram a trabalhar ao nosso lado, revirando areia e cascalho com pressa.

Pareciam homens correndo contra o tempo.

Quase não falavam.

Mas dava para perceber no olhar deles que havia urgência.

Garimpavam como se cada punhado de areia pudesse ser o último.

Talvez porque, no fundo, todos nós soubéssemos que não ficaríamos ali por muito mais tempo.

O Medo que Chegou com os Soldados

Naquela noite o acampamento estava diferente. Ninguém conversava, e até o som da mata parecia mais distante. A fogueira queimava devagar no meio do terreiro de terra batida, lançando sombras compridas nas árvores ao redor. A chuva fina ficava presa nas copas das árvores, caindo em pingos espaçados que produziam um ruído constante, misturando água e silêncio.

Zé do Mato caminhava de um lado para o outro com a espingarda no ombro, atento a qualquer barulho vindo da mata. Já o patrão, o Senhor Manuel Antônio, permanecia dentro da casa de taipa. De vez em quando ele saía, olhava a escuridão e voltava para dentro, como um homem que pressente perigo.

Na manhã seguinte voltamos ao ribeirão como sempre. A água corria clara sobre o cascalho, e nós entramos nela com as bateias nas mãos. O patrão e Zé do Mato também estavam ali, trabalhando com uma pressa que deixava todos inquietos.

Eu girava a bateia quando algo chamou minha atenção.

No fundo da água, perto do meu pé, havia um brilho diferente de tudo que eu já tinha visto. Não era como os pequenos grãos de ouro que às vezes apareciam na areia. Aquilo era maior, mais forte, um clarão que refletia a luz do sol de um jeito quase ofuscante.

Abaixei-me devagar e peguei a pedra.

Ela brilhava tanto que parecia guardar o próprio sol dentro dela.

Sem saber exatamente o que era, fiz a primeira coisa que me veio à cabeça: escondi a pedra entre os dedos do pé, pressionando-a, e continuei fingindo que trabalhava.

Depois levantei a cabeça e chamei Zé do Mato.

— *Preciso ir ali atrás da moita... fazer minhas necessidades.*

Ele me olhou desconfiado.

Mandou que eu saísse da água e fez uma revista rápida. Apalpou meus braços, passou a mão pelas costas, olhou dentro da minha boca e até debaixo dos braços. Não encontrou nada.

Por fim fez um gesto com a cabeça.

— *Vai. Mas volta logo.*

Caminhei mancando um pouco até uma moita de

capim alto. Quando tive certeza de que ninguém podia ver direito o que eu fazia, tirei a pedra brilhante de entre os dedos do pé.

Com as mãos tremendo, cavei um pequeno buraco na terra molhada.

Quando estava prestes a colocar a pedra dentro do buraco, ouvi um grito atrás de mim.

— O que é isso aí?!

Era Zé do Mato.

Ele tinha chegado sem que eu percebesse. Seus olhos estavam arregalados, e a espingarda já subia em minha direção.

Mas antes que pudesse atirar, um estampido ecoou pela mata.

Um tiro.

Zé do Mato levou a mão ao peito e caiu para trás.

Eu fiquei parado, sem entender o que estava acontecendo.

Então vieram outros disparos.

Gritos.

Correria.

Me joguei no chão e me escondi atrás da moita enquanto os tiros ecoavam pelo ribeirão. Quando

ousei olhar, vi homens fardados surgindo entre as árvores.

Eram os Dragões Reais.

Eles chegaram atirando sem aviso. Vi o patrão cair perto da margem do rio. Meus três companheiros que ainda estavam dentro da água também foram atingidos antes mesmo de entender o que acontecia. A fumaça da pólvora se misturava com o cheiro de terra molhada.

Quando tudo terminou, os soldados começaram a vasculhar o lugar.

Eu fui arrancado de trás da moita.

Zé do Mato ainda respirava, mesmo com o peito ensanguentado.

Amarraram nós dois e nos colocaram sobre mulas.

Sem explicação, sem julgamento.

Na manhã seguinte, estávamos sendo levados para a cadeia do Arraial do Ouro.

Sombras na Cadeia

As Grades do Arraial

Quando chegamos ao Arraial do Ouro, o sol já estava alto no céu, queimando as ruas de terra batida e levantando um pó fino que parecia grudar na pele. O lugar era muito mais barulhento do que eu lembrava da primeira vez que passei por ali. Homens gritavam ordens perto das casas comerciais, tropeiros guiavam tropas de mulas carregadas com sacos de mantimentos, e soldados armados caminhavam pelas ruas como se estivessem sempre esperando algum problema.

Mas eu quase não tive tempo de olhar nada.

Assim que entramos no arraial, os Dragões Reais nos conduziram direto para a cadeia. O prédio ficava um pouco afastado das casas principais, como se fosse um lugar que todos preferiam manter distante dos olhos.

Era uma construção baixa, de paredes grossas feitas de barro socado e pedras irregulares. O telhado era de telhas velhas, e as janelas eram

pequenas, protegidas por grades de ferro enferrujadas. De longe já se sentia o cheiro pesado que vinha lá de dentro — uma mistura de mofo, suor antigo, fumaça e desespero.

Quando passamos pela porta de madeira grossa, fui imediatamente separado de Zé do Mato.

Um dos soldados segurou meu braço e me empurrou para um corredor escuro, iluminado apenas por algumas frestas de luz que atravessavam as paredes. As celas se alinhavam dos dois lados, fechadas com grades pesadas. De dentro delas vinham vozes baixas, tosses, murmúrios e às vezes algum grito de revolta.

Um guarda disse, quase sem olhar para mim:

— *Esse vai para a cela dos escravos fugidos.*

Fui empurrado para dentro de um espaço pequeno e abafado. Lá dentro já havia outros homens. Alguns tinham marcas de chicote nas costas, outros carregavam correntes nos tornozelos. Havia também aqueles que pareciam simplesmente cansados demais para falar.

A cela era escura e úmida. A única claridade vinha de uma pequena abertura perto do teto, por onde

entrava um fio de luz durante o dia. À noite, o lugar ficava mergulhado em escuridão quase completa.

O chão era de terra batida, irregular e frio. Alguns pedaços de pano velho estavam espalhados pelos cantos, servindo de cama improvisada para quem conseguisse um lugar.

Escolhi ficar no fundo da cela.

Quanto mais longe das grades, melhor.

Ali eu podia observar sem ser visto.

Meu maior medo era que Zé do Mato me reconhecesse do outro lado do corredor. Se ele contasse aos soldados o que tinha visto perto da moita naquele dia no ribeirão, tudo estaria perdido para mim.

E se os homens do rei resolvessem voltar até aquele lugar na mata para procurar o que eu havia escondido... minha vida provavelmente terminaria ali mesmo.

Do outro lado do corredor ficava a cela onde colocaram Zé do Mato.

Mesmo ferido pelo tiro, ele continuava vivo.

Durante as noites silenciosas da cadeia, às vezes eu ouvia seus gemidos atravessando o corredor escuro.

E cada vez que aquele som chegava aos meus ouvidos, eu lembrava que o perigo ainda não tinha acabado.

O Segredo do Diamante

Os dias dentro da cadeia do Arraial do Ouro pareciam não ter pressa de passar. O tempo ali dentro era diferente do tempo do mundo lá fora. Durante o dia o calor ficava preso entre as paredes grossas de barro, deixando o ar pesado e difícil de respirar. À noite, quando o vento frio descia das serras, ele entrava pelas frestas das janelas e fazia os ossos doerem.

A gente não tinha muito o que fazer além de esperar.

Esperar comida.

Esperar ordens dos soldados.

Esperar que algum destino fosse decidido por nós.

Eu passava a maior parte do tempo sentado no fundo da cela, quase encostado na parede úmida. De lá eu conseguia ver parte do corredor, mas permanecia escondido da maioria dos olhares.

Preferia assim. Quanto menos gente prestasse atenção em mim, melhor.

Meu maior medo ainda era Zé do Mato.

Ele estava preso na cela do outro lado do corredor, junto com homens acusados de todo tipo de crime. Mesmo ferido pelo tiro que havia recebido no peito, continuava vivo. Às vezes eu o ouvia tossindo ou reclamando de dor durante a noite.

Eu evitava chegar perto das grades.

Mas naquele lugar o silêncio muitas vezes carregava as vozes de um lado para o outro, como se as próprias paredes gostassem de espalhar segredos.

Foi numa tarde abafada que ouvi Zé do Mato falando com um homem que dividia a cela com ele.

Esse homem era conhecido no arraial como João Tropeiro.

Eu já tinha escutado os guardas comentarem sobre ele. Diziam que era um sujeito acostumado às estradas, que conduzia tropas de mulas entre vilas e arraiais. Mas havia acabado preso depois de se envolver numa briga violenta em um bordel da vila.

Era um homem forte, de barba curta e olhar atento.

Um daqueles que falam pouco, mas escutam tudo.

Naquela tarde os dois conversavam perto das grades. A voz de Zé do Mato estava baixa, mas suficiente para chegar até onde eu estava.

De repente ouvi quando ele disse:

— Tá vendo aquele negro lá no fundo?

Meu corpo inteiro ficou tenso.

Mesmo sem olhar diretamente, eu sabia que ele estava apontando na minha direção.

Houve um pequeno silêncio antes de ele continuar.

— Aquele desgraçado escondeu um diamante... quase do tamanho do meu dedão.

Senti o coração bater forte dentro do peito.

A lembrança da pedra brilhando entre meus dedos voltou inteira à minha cabeça.

Zé do Mato continuou falando, com uma voz cheia de cobiça.

— Se eu sair primeiro daqui... eu volto naquela mata e pego aquela pedra pra mim. Aquilo vale mais do que todo o ouro que já tirei daquele rio.

Do outro lado, João Tropeiro não respondeu imediatamente.

Ele apenas escutou.

Ficou em silêncio por alguns instantes, como quem guarda cada palavra dentro da cabeça.

E mesmo sem conseguir ver direito o rosto dele dali do fundo da cela, eu tive a sensação de que aquele homem acabara de descobrir um segredo que poderia mudar o destino de muita gente.

A Faca na Escuridão

Os dias dentro da cadeia do Arraial continuavam passando devagar, como se o tempo ali dentro estivesse preso junto com todos nós. Às vezes algum prisioneiro era chamado pelos guardas e levado para fora. Alguns voltavam horas depois, machucados ou abatidos. Outros simplesmente desapareciam, e ninguém ficava sabendo se tinham sido libertados ou levados para outro lugar.

As celas viviam cheias de murmúrios. Histórias corriam de uma grade para outra como vento passando entre as frestas das paredes. Cada homem ali carregava um passado diferente: havia ladrões, arruaceiros, escravos fugidos, jagunços e até gente que jurava estar presa por engano.

Foi numa dessas tardes pesadas que ouvi um comentário atravessar o corredor.

Diziam que João Tropeiro estava prestes a sair da cadeia.

Alguns presos afirmavam que ele tinha conseguido pagar sua liberdade. Outros diziam que algum conhecido importante no arraial havia intercedido por ele. Ninguém sabia ao certo, mas o rumor se espalhou rápido entre as celas.

Naquela noite o ambiente parecia mais inquieto que o normal.

Eu estava sentado no meu canto de sempre, no fundo da cela, quando percebi João Tropeiro se aproximando das grades do lado de fora da cela onde estava Zé do Mato. Ele falava baixo com outro homem que dividia a cela com o antigo capataz.

Esse homem era um jagunço, conhecido por ter participado de muitas brigas nas redondezas do arraial. Tinha o rosto marcado por cicatrizes e o olhar duro de quem já tinha visto muita violência.

Tentei escutar melhor.

As vozes eram baixas demais, mas percebi quando João Tropeiro estendeu discretamente a mão entre

as grades. Algo pequeno passou de uma mão para outra.

Quando a luz fraca da lamparina do corredor refletiu no objeto, consegui ver.

Era uma faca curta.

Logo depois João se afastou, como se nada tivesse acontecido.

Por alguns minutos tudo permaneceu quieto. Apenas o som de respirações pesadas e correntes arrastando no chão quebrava o silêncio.

Então começaram as provocações.

Primeiro foram palavras duras trocadas dentro da cela de Zé do Mato. O jagunço dizia algo que eu não conseguia entender direito. Zé do Mato respondia com irritação, ainda fraco por causa do ferimento no peito.

A discussão cresceu.

Vieram empurrões.

O barulho de corpos batendo contra as paredes.

De repente ouvi um grito curto.

Quando os soldados correram pelo corredor, o que já havia acontecido não podia mais ser desfeito.

O jagunço tinha cravado a faca diretamente no peito

de Zé do Mato.

A lâmina entrou de uma vez, sem hesitação.

Zé do Mato caiu no chão da cela quase sem reagir. O sangue começou a se espalhar pela terra batida enquanto ele tentava puxar o ar que já não vinha mais.

Em poucos instantes, o homem que por tanto tempo havia nos vigiado nas matas e nos rios do garimpo estava morto.

Os guardas abriram a cela, arrastaram o corpo para fora e levaram o jagunço algemado.

Enquanto tudo aquilo acontecia, João Tropeiro permanecia quieto perto das grades, observando sem dizer uma palavra.

E ali, sentado na escuridão da minha cela, percebi duas coisas ao mesmo tempo.

O segredo da pedra brilhante ainda estava enterrado na mata.

Mas agora existia outro homem no mundo que também sabia da sua existência.

O Preço da Liberdade

O Tropeiro que Voltou

Depois da morte de Zé do Mato, a cadeia do Arraial do Ouro pareceu mergulhar em um silêncio ainda mais pesado. Durante alguns dias os soldados passaram a vigiar o corredor com mais atenção. Caminhavam de um lado para o outro com as mãos próximas das armas, como se esperassem que outra briga surgisse de repente entre os presos.

Mas, como acontece com quase tudo naquele tipo de lugar, o tempo logo tratou de engolir o acontecimento.

O corpo de Zé do Mato foi levado embora, o jagunço que o matou desapareceu para outro destino, e a rotina da prisão voltou ao que sempre fora: espera, cansaço e incerteza.

Os dias continuaram se arrastando devagar.

Eu passava as horas sentado no mesmo canto do fundo da cela, observando o movimento do corredor através das grades. Às vezes algum preso era chamado pelo nome e levado para fora. Outras vezes

chegavam homens novos, empurrados pelos guardas e ainda assustados com o cheiro e a escuridão daquele lugar.

Foi numa manhã quente, quando o sol mal começava a atravessar a pequena abertura da parede, que ouvi um nome conhecido ecoar pelo corredor.

— *João Tropeiro!*

Levantei a cabeça imediatamente.

Do outro lado das grades vi os soldados abrindo a cela onde ele estava. João saiu escoltado por dois guardas, com as mãos livres e o rosto tranquilo, como se já soubesse que aquele momento chegaria.

Alguns presos começaram a cochichar.

Diziam que finalmente alguém havia pago a fiança dele. Mais tarde ficamos sabendo que um comerciante do arraial, velho conhecido das estradas por onde João conduzia suas tropas de mulas, tinha colocado dinheiro suficiente para garantir sua liberdade.

Assim, João Tropeiro deixou a cadeia.

Por alguns dias eu pensei que aquela história terminava ali. Imaginei que ele seguiria sua vida

pelas estradas poeirentas do sertão e que o segredo da pedra brilhante morreria dentro das paredes daquela prisão.

Mas o destino tinha outros planos.

Cerca de uma semana depois, numa manhã abafada, ouvi novamente passos firmes ecoando pelo corredor. Levantei os olhos e senti o corpo inteiro ficar tenso.

Era João Tropeiro.

Desta vez ele não usava mais as roupas gastas de prisioneiro. Vestia camisa limpa, botas de couro bem tratadas e trazia uma pequena bolsa presa ao cinturão.

Ele conversou calmamente com o carcereiro, tirou algumas moedas da bolsa e as colocou na mão do guarda.

Os dois falaram por alguns instantes.

Então o carcereiro veio até minha cela.

Ouvi o barulho da chave girando na fechadura enferrujada.

— *A fiança desse negro está paga* — disse ele.

A grade se abriu com um rangido longo.

Eu ainda não entendia o que estava acontecendo

quando fui empurrado para fora da cela.

João Tropeiro me observava parado no corredor, com um leve sorriso no rosto.

Foi então que ele disse, com voz tranquila:

— Agora você me pertence.

Naquele instante compreendi a verdade.

Eu não estava sendo libertado.

Eu havia sido comprado.

A Promessa e a Ameaça

Quando saí da cadeia do Arraial do Ouro, a claridade do dia quase cegou meus olhos. Depois de tantos dias vivendo entre paredes escuras e úmidas, o sol parecia mais forte do que eu lembrava. O calor subia da terra das ruas, e o barulho da vila — vozes, passos, animais e carroças — parecia ainda maior depois do silêncio pesado da prisão.

Caminhei ao lado de João Tropeiro, sem dizer uma palavra.

As ruas estavam cheias de gente indo e vindo. Comerciantes gritavam preços nas portas das vendas, tropeiros conduziam tropas de mulas

carregadas com sacos e caixas, e alguns soldados passavam montados a cavalo, observando tudo com olhar desconfiado.

Mesmo assim, eu me sentia estranho.

Livre da cela... mas não livre de verdade.

João caminhava com passos tranquilos, como um homem que sabia exatamente para onde estava indo. Eu apenas o seguia, tentando entender o que ele pretendia fazer comigo.

Quando nos afastamos um pouco do centro do arraial, ele finalmente parou. Olhou ao redor para ter certeza de que ninguém estava prestando atenção em nós.

Então se virou na minha direção.

— *Escuta bem, Angola* — disse ele, encarando meus olhos com firmeza. — *Eu sei do diamante.*

Meu peito se apertou naquele instante.

Por um momento pensei em negar de imediato, mas a maneira como ele me observava deixava claro que aquela conversa já estava preparada em sua cabeça havia algum tempo.

Ele continuou falando, em tom calmo.

— *O Zé do Mato contou tudo naquela noite na*

na cadeia. Aquela pedra que você encontrou na beira do ribeirão... não era ouro comum.

Ele fez uma pequena pausa.

— *Era um diamante. E pelo tamanho que ele descreveu, vale mais do que muito ouro junto.*

Fiquei em silêncio.

Olhei para o chão de terra batida, tentando controlar a respiração.

Então João Tropeiro fez uma proposta.

— *Se você me levar até onde escondeu aquela pedra... eu te dou uma carta de alforria. Você fica livre.*

A palavra liberdade atravessou minha cabeça como um trovão distante.

Livre.

Era algo que eu quase tinha esquecido que podia existir.

Mas mesmo assim respondi devagar:

— *Não sei do que o senhor está falando.*

O rosto dele mudou no mesmo instante.

A calma desapareceu dos olhos.

— *Não mente pra mim, negro* — disse em voz baixa, mas cheia de dureza. — *Eu sei que você encontrou*

aquele diamante.

Ele deu um passo mais perto de mim.

Tão perto que consegui sentir o cheiro de poeira e couro das roupas dele.

— E se você continuar fingindo que não sabe de nada... — continuou ele — *eu volto naquela cadeia e te entrego outra vez para os Dragões Reais.*

O silêncio que veio depois pareceu pesar mais do que qualquer corrente.

Ele cruzou os braços e concluiu:

— E posso te garantir uma coisa... aqueles soldados sabem muito bem como fazer um homem falar.

Naquele momento compreendi que minha escolha era pequena.

Pequena como a cela escura onde eu havia passado os últimos dias da minha vida.

O Caminho de Volta ao Ribeirão

Dois dias depois deixamos o Arraial do Ouro para trás. Ainda era cedo quando partimos. A névoa da manhã cobria as casas de barro da vila e o ar tinha aquele cheiro de terra fria que vem antes do sol

subir forte no céu. João Tropeiro já havia preparado tudo: duas mulas de montaria e outras seis carregadas com mantimentos, cordas, ferramentas e alguns sacos vazios.

Seguimos pela estrada de terra que saía do arraial e se perdia na mata.

Enquanto caminhávamos, eu sentia uma estranha mistura dentro do peito. Aquela trilha era a mesma por onde eu havia chegado meses antes, trazido como propriedade de outro homem, acorrentado pela vontade de Manuel Antônio Domingos e vigiado pelos olhos cruéis de Zé do Mato.

Agora eu voltava.

Mas não por escolha.

Durante a viagem quase não trocamos palavras. João seguia atento à trilha, sempre com a mão próxima da faca presa à cintura. De vez em quando olhava para mim como se tentasse adivinhar meus pensamentos.

Depois de muitas léguas caminhadas, comecei a reconhecer os sinais da mata.

Uma árvore torta marcada por um raio antigo.

Uma pedra grande coberta de musgo.

Um trecho onde o caminho se estreitava entre dois barrancos.

Meu coração começou a bater mais rápido.

O ribeirão não podia estar muito longe.

Foi então que compreendi uma coisa: se aquele diamante realmente valia tudo aquilo que João dizia, minha liberdade talvez não fosse pagamento suficiente.

Parei de caminhar.

João virou-se imediatamente.

— *Por que parou?*

Respirei fundo.

— *Se eu mostrar onde está a pedra... quero mais que a liberdade.*

O olhar dele endureceu.

— *O que foi que você disse?*

— *Quero uma parte do valor do diamante.*

Por um instante o silêncio da mata ficou pesado como uma tempestade prestes a cair.

João deu dois passos rápidos em minha direção.

O rosto dele ficou vermelho de raiva.

— *Negro atrevido...* — rosnou.

Levantou o punho como se fosse me acertar um

soco. Cheguei a sentir o vento do movimento, mas ele parou antes de bater. Em vez disso, puxou uma corrente da carga de uma das mulas.

— *Você está esquecendo quem manda aqui.*

Antes que eu pudesse reagir, ele prendeu a corrente em meu pulso e na argola da sela.

O ferro frio apertou minha pele.

— *Agora você vai me levar até aquela pedra... querendo ou não.*

Fiquei em silêncio por alguns instantes. Depois falei com calma:

— *Eu não tenho certeza de onde fica o ribeirão.*

João franziu a testa.

— *Como assim?*

— *Faz muito tempo... eu estava sendo vigiado... corremos muito naquela noite. Preciso de tempo para lembrar o caminho.*

Ele me encarou por um longo momento, desconfiado. Então montou novamente.

— *Pois trate de lembrar rápido.*

Puxou as rédeas das mulas carregadas e seguimos pela mata fechada.

Seis animais avançando entre árvores altas, galhos

estalando sob seus cascos.

E enquanto caminhávamos em busca daquele ribeirão escondido, eu sabia que estávamos indo ao encontro de algo que podia mudar o destino de um homem.

Ou acabar com ele para sempre.

A Pedra que Mudaria Destinos

O Medo na Beira do Ribeirão

Depois de muitas horas avançando pela mata fechada, com galhos arranhando o rosto e raízes escondidas tentando derrubar nossos passos, comecei a ouvir um som que meu corpo reconheceu antes mesmo que meus pensamentos o fizessem. Era o murmúrio da água correndo entre pedras. Um som baixo, constante, como se a própria terra respirasse em silêncio. O ribeirão.

Quando nos aproximamos, senti o ar ficar mais úmido e fresco. A sombra das árvores era mais densa ali, e o chão estava coberto por folhas escuras e úmidas. Ao afastar alguns galhos, vi finalmente a

água clara deslizando sobre o cascalho do fundo, serpenteando entre pedras lisas que o tempo havia polido. A corrente era mansa, mas firme, e carregava pequenos redemoinhos que cintilavam sob a luz que escapava por entre as copas altas.

Por um instante, pensei que estava exatamente no mesmo lugar de antes. Reconheci um tronco caído atravessado perto da margem. Mais adiante, uma pedra grande, escurecida pela água. As árvores antigas inclinavam-se sobre o ribeirão como velhas sentinelas, lançando sombras pesadas sobre a corrente.

Mas, à medida que meus olhos percorriam a margem, um aperto começou a crescer dentro do meu peito.

Eu não sabia exatamente onde estava o diamante.

rápido demais. Eu me lembrava do brilho repentino entre as pedras molhadas, do medo que me tomou quando pensei em Zé do Mato, e do desespero que me fez cavar a terra úmida com as próprias mãos. Lembro-me da lama debaixo das unhas, do som da água correndo forte ao meu lado e da sensação de que alguém poderia surgir da mata a qualquer

momento.

Enterrei a pedra às pressas.

Agora, olhando ao redor, tudo parecia diferente. A mata muda de rosto com o tempo. Uma árvore que antes era pequena cresce e muda o desenho da sombra. Uma cheia pode mover pedras. Folhas caídas escondem marcas antigas.

Olhei para a margem esquerda. Depois para a direita. Meu coração começou a bater pesado no peito, como se quisesse fugir de dentro de mim.

Foi então que ouvi a voz de João Tropeiro atrás de mim.

— *E então?* — perguntou ele, estreitando os olhos. — *Onde está?*

Demorei a responder. Minha garganta parecia seca.

— *Eu... não tenho certeza.*

O silêncio que se seguiu foi pior que qualquer grito. João desmontou da mula de um salto brusco. Seus passos pesaram sobre o chão molhado enquanto se aproximava de mim.

— *Não tem certeza?* — repetiu ele.

Quando ergui os olhos, vi sua mão puxar a faca da cintura. A lâmina brilhou fria à luz que vinha da água.

— *Escuta bem, Angola* — disse ele, em voz baixa e dura. — *Se você estiver mentindo... eu enterro você aqui mesmo neste ribeirão. E ninguém nunca vai saber.*

Senti um frio atravessar meu corpo inteiro. Respirei fundo, tentando dominar o tremor das mãos.

— *Eu preciso caminhar um pouco... olhar melhor o lugar... lembrar.*

João ficou me observando em silêncio por alguns segundos que pareceram longos como uma noite inteira.

Depois fez um gesto curto com a cabeça. — *Vai.*

Mas a faca continuava firme na mão dele.

A Pedra Enterrada

Comecei a caminhar lentamente pela margem do ribeirão, tentando fazer com que meus olhos enxergassem mais do que apenas pedras, raízes e folhas caídas. A corrente de ferro presa ao meu pulso arrastava-se pelo chão úmido, raspando nas pedras e deixando um som seco que quebrava o silêncio da mata. Cada passo parecia puxar de dentro de mim

lembranças daquela tarde distante.

O barulho da água correndo entre as pedras era o mesmo.

O cheiro da terra molhada também.

Mas o medo que eu sentia agora era diferente. Naquela tarde em que encontrei a pedra, eu tremia por causa da surpresa e da pressa. Agora tremia porque sabia que a minha vida dependia daquele pedaço de chão.

Caminhei devagar, olhando cada detalhe da margem. As árvores inclinadas sobre o riacho lançavam sombras longas sobre a água clara. Algumas raízes saíam do barranco como dedos torcidos agarrados à terra. Em certos pontos, o chão estava coberto por folhas antigas, já escuras e quase apodrecidas.

Foi então que vi um pequeno grupo de árvores tortas, inclinadas como se o tempo as tivesse empurrado na direção do ribeirão.

Meu coração bateu mais forte.

Eu conhecia aquele lugar.

Aproximei-me devagar, como se temesse que o próprio chão pudesse fugir de mim. Lembrei-me de

estar ali naquela tarde, ajoelhado na lama, com as mãos tremendo e os olhos voltados para todos os lados da mata.

Dei mais alguns passos.

Olhei para o chão com atenção.

Ali, perto das raízes de uma das árvores, a terra parecia diferente. Não era tão dura quanto ao redor. Era um pouco mais escura, como se tivesse sido mexida muito tempo atrás e depois esquecida pelo tempo.

Meu peito apertou.

Ajoelhei-me.

Sem dizer nada, comecei a cavar com as mãos.

A terra estava compacta no começo. Meus dedos encontravam pequenas pedras, raízes finas e pedaços de cascalho. Aos poucos, porém, o solo começou a ceder, soltando-se em punhados úmidos que iam ficando debaixo das minhas unhas.

Atrás de mim, eu sentia o olhar de João Tropeiro pesando sobre minhas costas.

Continuei cavando.

De repente, meus dedos tocaram algo duro.

Parei.

Meu coração disparou.

Respirei fundo e afastei mais um pouco de terra. Então agarrei o objeto e puxei devagar.

Quando a pedra saiu da terra e a luz do dia tocou sua superfície, um brilho intenso se acendeu diante dos meus olhos.

Era o diamante.

Mesmo coberto de barro, ele parecia guardar uma luz própria. O brilho atravessava a sujeira como um pequeno sol preso na palma da minha mão.

Levantei-me devagar.

Estendi a pedra para João Tropeiro.

Ele pegou o diamante com cuidado, quase com reverência. Por alguns instantes, ficou completamente imóvel, olhando para aquela pedra como se estivesse diante de um milagre.

Os olhos dele estavam arregalados.

— *Pelo amor de Deus...* — murmurou, quase sem voz. Girou o diamante entre os dedos, observando cada face irregular, cada reflexo de luz que escapava da pedra.

— *Eu nunca vi nada assim.*

O Plano de Fuga

João Tropeiro continuava segurando o diamante nas mãos como se estivesse diante de algo sagrado. A pedra capturava a luz que escapava por entre as copas das árvores e a devolvia em pequenos lampejos claros, que dançavam nos dedos dele e refletiam em seus olhos atentos.

Por alguns instantes, ele não disse nada. Apenas girava a pedra devagar, observando cada face irregular, cada brilho que surgia quando a luz tocava sua superfície.

Eu observava em silêncio.

Até aquele momento, o diamante sempre tinha sido, para mim, apenas uma esperança. Uma pedra estranha que o destino havia colocado no meu caminho — talvez a única coisa capaz de comprar minha liberdade.

Mas, vendo o modo como João olhava para ela, comecei a entender que talvez aquele pedaço de cristal valesse muito mais do que eu havia imaginado.

João respirou fundo.

— *Angola...* — disse ele, sem tirar os olhos da pedra — *você tem ideia do que é isso?*

Balancei a cabeça devagar.

— *Não, senhor.*

Ele soltou uma pequena risada, curta e nervosa.

— *Nem eu sei ao certo.*

Levantou o diamante mais perto dos olhos e o girou mais uma vez entre os dedos.

— *Mas posso te dizer uma coisa... isso aqui vale uma fortuna.*

A palavra ficou ecoando na minha cabeça.

Fortuna.

Ele então abriu a pequena bolsa de couro presa ao cinturão e colocou a pedra lá dentro com cuidado, como se estivesse guardando algo frágil e perigoso ao mesmo tempo. Depois fechou a bolsa e ficou parado, olhando para a corrente do ribeirão como se estivesse pensando em algo distante.

O silêncio da mata parecia escutar também.

Depois de alguns instantes, João falou novamente.

— *Só que existe um problema.*

Senti meu estômago apertar.

— *Qual, senhor?*

Ele virou o rosto para mim.

— Essa pedra não pode ser vendida aqui.

Franzi a testa, confuso.

— Por quê?

João soltou um suspiro pesado e passou a mão pela barba curta.

— Porque diamantes grandes assim pertencem à Coroa Portuguesa. É lei. Se descobrirem que encontramos uma pedra desse tamanho... eles tomam tudo. E nós ainda podemos acabar presos... ou coisa pior.

Olhei para a mata ao redor. As árvores pareciam mais silenciosas agora.

— Então o que vamos fazer? — perguntei.

João olhou novamente para a bolsa presa à cintura.

— Se quisermos vender essa pedra... precisamos sair do Brasil.

Aquelas palavras me surpreenderam.

— Sair?

Ele respondeu com um lento movimento de cabeça.

— Existe um caminho para o oeste. Um caminho velho, usado por tropeiros e aventureiros. Atravessa matas, serras e rios... até chegar a um lugar

chamado Santa Cruz de La Sierra.

O nome soou estranho aos meus ouvidos.

João percebeu minha dúvida.

— *Lá já é terra espanhola* — explicou. — *E longe dos olhos da Coroa portuguesa. Talvez lá possamos vender essa pedra sem levantar suspeitas.*

Ele colocou a mão sobre a bolsa onde estava o diamante, como se quisesse ter certeza de que ela ainda estava ali.

Depois me encarou com um sorriso que misturava ambição e promessa.

— *Se tudo der certo, Angola... quando cruzarmos aquela fronteira... você terá sua recompensa.*

Meu coração bateu mais forte.

Talvez aquele diamante realmente pudesse comprar minha liberdade.

Mas, olhando para a mata escura que se estendia ao nosso redor, eu também sabia de uma coisa:

O caminho até essa liberdade ainda seria longo... e cheio de perigos.

Promessas no Caminho do Oeste

O Retorno ao Arraial

Voltamos pelo mesmo caminho por onde havíamos entrado na mata, mas a viagem de volta parecia outra. As árvores continuavam as mesmas, os caminhos estreitos serpenteavam entre troncos antigos e pedras cobertas de musgo, mas algo havia mudado. Talvez fosse o peso do segredo que agora carregávamos.

O ribeirão ficou para trás, escondido entre as sombras da mata. Enquanto nos afastávamos, ainda pude ouvir por algum tempo o murmúrio da água correndo sobre as pedras. Aquele som parecia guardar o segredo do lugar onde a pedra havia dormido durante tantos meses, enterrada na terra úmida, esperando que alguém voltasse para buscá-la.

João Tropeiro caminhava à frente das mulas, conduzindo os animais pela trilha estreita aberta entre as árvores. O passo dele era firme, quase apressado. De vez em quando, ele diminuía o ritmo,

como se estivesse pensando em algo distante.

Eu vinha logo atrás, sentindo o peso da corrente presa ao meu pulso. O ferro arrastava pelo chão de terra e batia nas pedras, produzindo um som seco que me acompanhava a cada passo.

Percebi que, de tempos em tempos, João levava a mão até a bolsa de couro presa ao cinturão. Ele apertava o couro discretamente, como quem confirma a presença de algo muito precioso. Às vezes fazia isso sem sequer perceber.

Sempre que tocava na bolsa, um sorriso surgia no rosto dele.

— *Angola* — disse ele certa vez, virando a cabeça por cima do ombro enquanto caminhávamos entre dois trechos de mata mais fechada — *você ainda nem imagina a sorte que encontrou naquele ribeirão.*

Não respondi. Continuei andando em silêncio.

A mata ao nosso redor era espessa, cheia de sons: pássaros escondidos entre as folhas, insetos cantando no calor da tarde e o estalar de galhos sob os cascos das mulas.

Depois de algum tempo, João voltou a falar.

— *Quando cruzarmos a fronteira... quando*

estivermos fora do Brasil... eu vou te dar a sua carta de alforria.

Senti meu peito apertar.

A palavra liberdade passou pela minha cabeça como um vento forte. Era algo que eu sempre tinha imaginado, mas que nunca parecia realmente possível.

— *Você vai ser muito bem recompensado — continuou ele*. — Pode acreditar.

Seguimos assim por vários dias. Atravessamos trechos de mata fechada, passamos por caminhos de terra batida usados por tropeiros e cruzamos pequenas clareiras abertas por antigos viajantes.

Até que, numa manhã clara, o horizonte finalmente mudou.

Entre as árvores começaram a surgir telhados baixos de madeira, cercas tortas e chaminés soltando fumaça fina.

Era o Arraial do Ouro.

À medida que nos aproximávamos, o silêncio da mata foi sendo substituído pelo barulho da vida do povoado. O som das ferraduras batendo nas pedras das ruas misturava-se com vozes altas, risadas,

discussões de comércio e o tilintar metálico das ferramentas usadas pelos garimpeiros.

Homens cobertos de poeira caminhavam de um lado para outro. Tropeiros conduziam animais carregados de mercadorias. Comerciantes gritavam ofertas nas portas das vendas.

Para mim, aquele lugar sempre pareceu pesado, como se o tempo ali andasse devagar e carregado de cansaço.

Mas João Tropeiro olhava para o arraial de um jeito diferente.

Nos olhos dele havia um brilho de vitória.

Botas de Homem Livre

No dia seguinte à nossa chegada ao Arraial do Ouro, João Tropeiro me chamou logo cedo. O sol ainda estava baixo, e a poeira das ruas começava a se levantar com o movimento dos primeiros tropeiros e garimpeiros que atravessavam o povoado.

— *Venha comigo* — disse ele.

Seguimos até uma pequena venda no centro do arraial. Era uma loja simples, feita de madeira

escura, com prateleiras cheias de ferramentas, tecidos, chapéus e peças de couro penduradas nas paredes. Assim que entramos, senti o cheiro forte de couro novo misturado com o odor de óleo e poeira.

João trocou algumas palavras rápidas com o comerciante e apontou na minha direção.

— *Esse aqui precisa de botas.*

O homem me olhou de cima a baixo, como se estivesse tentando entender aquela situação.

Escravos não costumavam entrar em lojas para comprar botas.

Mesmo assim, ele foi até o fundo da venda e voltou com um par de botas de couro escuro.

— *Experimente.*

Eu nunca tinha calçado botas na vida.

Durante toda a minha existência, meus pés haviam conhecido apenas a terra quente dos caminhos, a lama dos rios e, às vezes, sandálias gastas que pouco protegiam contra pedras e espinhos.

Sentei-me em um banco de madeira e, com cuidado, coloquei os pés dentro das botas. O couro estava firme e um pouco apertado, mas havia algo naquela sensação que me surpreendeu.

Proteção.

Levantei-me e caminhei alguns passos pelo assoalho da loja. O som das solas batendo na madeira ecoou pelo pequeno espaço.

João sorriu, satisfeito.

— *Agora você parece um homem de verdade.*

Depois disso, ele mandou separar algumas roupas para mim.

Uma camisa, uma calça resistente e até um casaco leve. O comerciante explicou que aquelas peças haviam chegado do litoral, trazidas por tropeiros que transportavam mercadorias vindas da Europa.

Eu nunca tinha vestido roupas tão boas.

Passei a mão pelo tecido, sentindo a qualidade do pano, quase sem acreditar que aquilo agora era meu.

Agradeci em silêncio.

João apenas deu de ombros.

— *Considere isso um adiantamento da sua recompensa.*

Mas, no Arraial do Ouro, nada passava despercebido por muito tempo.

Logo começaram os olhares.

Nas ruas estreitas do povoado, as pessoas cochichavam quando eu passava. Um escravo usando botas e roupas importadas chamava atenção demais.

— *Já viu aquilo?* — ouvi um homem dizer certa vez.

— *Um escravo vestido como tropeiro* — respondeu outro.

As dúvidas começaram a correr pelo arraial como vento entre as casas de madeira.

Por que um tropeiro trataria tão bem um escravo?

O que havia por trás daquela história?

Eu mantinha a cabeça baixa e falava o mínimo possível. Respondia apenas o necessário e nunca dava espaço para perguntas.

O segredo precisava continuar enterrado.

Mas, no fundo do meu peito, havia um medo que não me deixava em paz.

Eu temia que João Tropeiro, depois de algumas canecas de bebida no bordel do arraial, acabasse deixando escapar mais do que devia.

Porque no Arraial do Ouro, uma palavra dita no lugar errado podia valer mais do que qualquer diamante.

Segredos e Promessas

João Tropeiro alugou uma tenga, um abrigo simples de madeira e palha onde as mulas passariam as noites. Era um lugar modesto, com chão de terra batida, cercado por uma cerca baixa de troncos. Ali ficavam os animais dos viajantes que passavam pelo Arraial do Ouro.

Foi naquele lugar que também passei a dormir.

À noite, o ar ficava pesado com o cheiro de couro, palha seca e suor dos animais cansados das longas viagens. As mulas permaneciam amarradas lado a lado, respirando devagar no escuro enquanto mastigavam a ração.

Eu cuidava delas como João havia ordenado. Limpava os arreios, escovava o pelo dos animais, trocava a água dos cochos e preparava a ração antes que o sol desaparecesse atrás das serras.

Certa noite, enquanto terminava de prender uma das cordas, vi João aproximar-se de uma das mulas com passos cuidadosos. Ele olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava observando.

Depois começou a mexer em uma parte do arreio.

Parecia apenas estar ajustando alguma fivela ou tirando uma dobra do couro. Trabalhou ali por alguns instantes, em silêncio.

Em seguida deu um pequeno tapinha no lombo da mula e se afastou sem dizer nada.

Naquele momento eu não sabia, mas mais tarde entenderia que ele havia escondido o diamante em alguma peça do equipamento do animal.

Nunca me contou onde.

Durante o dia, João Tropeiro passava horas andando pelo arraial. Negociava mercadorias com comerciantes, discutia preços, comprava ferramentas, vendia mantimentos e conversava sobre rotas de viagem com outros tropeiros.

Eu, por minha vez, evitava andar pela cidade. Quanto mais invisível eu fosse, melhor.

Ficava quase sempre na tenga, cuidando das mulas e dos arreios. Aprendi que, naquele lugar, um escravo que chamasse atenção demais acabava atraindo perguntas indesejadas.

E perguntas eram a última coisa que precisávamos.

Mesmo assim, certa tarde, um homem apareceu na entrada da tenga.

Era um policial do arraial.

Usava chapéu largo, botas gastas e trazia na cintura um velho sabre. Seus olhos examinavam tudo ao redor com atenção.

— *Você é o escravo do João Tropeiro?* — perguntou.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele fez algumas perguntas sobre meu patrão. Queria saber de onde ele vinha, quanto tempo pretendia ficar no arraial, que tipo de mercadoria negociava.

Havia desconfiança no olhar dele.

Respondi apenas o necessário.

— *O senhor João Tropeiro é um homem honrado* — falei com calma. — *Um homem justo.*

O policial continuou me observando.

Então acrescentei:

— *Eu tenho muito a agradecer a ele. Ele me trata com dignidade.*

O homem permaneceu em silêncio por alguns segundos. Depois ajeitou o chapéu e foi embora, caminhando devagar pela rua de terra.

Naquela noite, quando João voltou do bordel do arraial, encontrei-o perto das mulas e contei o que

havia acontecido.

Falei sobre o policial.

Sobre as perguntas.

João ouviu tudo em silêncio.

Depois soltou uma pequena risada e passou a mão na barba.

— *Não se preocupe com isso, Angola.*

Ele deu um tapinha no pescoço de uma das mulas.

— *Em dois dias estaremos longe daqui.*

Olhou para o horizonte escuro além das casas do arraial.

— *Em dois dias partimos para Santa Cruz de La Sierra.*

Quando ouvi aquelas palavras, senti algo se mover dentro do meu peito.

Talvez o momento estivesse finalmente chegando.

O momento em que deixaríamos aquelas terras para trás.

O momento em que meu destino poderia, enfim, começar a mudar.

Pelas Fronteiras da Mata

Quinze Dias de Caminho

Partimos do Arraial do Ouro ainda antes de o sol nascer. A madrugada estava fria e coberta por uma névoa fina que se espalhava pelos caminhos de terra como um manto silencioso. As casas do arraial ainda estavam mergulhadas na escuridão quando conduzimos as mulas para fora do povoado.

Apenas o som das ferraduras quebrava o silêncio da manhã.

João Tropeiro ia à frente, guiando os animais com segurança, como quem conhece bem aquelas trilhas antigas abertas por tropeiros de muitos anos. Seus olhos pareciam sempre atentos ao caminho, observando cada curva, cada descida, cada trecho de mata mais fechada.

Eu vinha logo atrás, segurando as rédeas de duas mulas carregadas. As botas que ele havia comprado para mim ainda pareciam estranhas nos meus pés. O couro rígido fazia meus passos parecerem pesados, mas ao mesmo tempo eu sentia algo novo: proteção

contra pedras, espinhos e galhos escondidos no chão da mata.

Foram quinze dias de viagem.

Quinze dias atravessando terras que pareciam não ter fim.

Durante grande parte do caminho, seguimos por florestas densas, onde as árvores cresciam tão altas e próximas umas das outras que a luz do sol mal conseguia atravessar o teto verde formado pelas copas. Em alguns trechos, o caminho quase desaparecia sob folhas secas, raízes e troncos caídos.

Avançávamos devagar.

Às vezes era preciso abrir passagem entre cipós ou contornar árvores enormes que haviam tombado com as chuvas.

Também cruzamos regiões de pântano, onde o chão parecia vivo de tão mole. Os cascos das mulas afundavam na lama escura, e cada passo exigia esforço dos animais. O cheiro de terra úmida e água parada era forte nesses lugares.

Mosquitos surgiam em nuvens.

Eles zumbiam ao redor de nossos rostos, picando

braços, pescoço e mãos sem descanso. Muitas vezes precisei espantá-los com ramos de folhas enquanto caminhávamos.

Mas o momento mais difícil da viagem aconteceu numa tarde em que chegamos às margens do rio Guaporé.

O céu estava pesado de nuvens escuras, e pouco depois começou a chover. A chuva caiu de repente, grossa e fria, transformando o caminho em lama e fazendo o rio parecer ainda mais ameaçador.

Mesmo assim, precisávamos atravessar.

As mulas entraram na água com cautela. A correnteza puxava com força, e a água turva subia até quase o peito dos animais. A chuva batia forte sobre nossas cabeças enquanto avançávamos passo a passo.

Meu coração batia acelerado, temendo que alguma mula se desequilibrasse e fosse levada pela corrente.

Mas, com esforço e paciência, conseguimos alcançar a outra margem.

Quando finalmente saímos da água, estávamos encharcados, cobertos de lama e completamente cansados.

Mesmo assim, continuamos a viagem.

Porque, dentro de mim, eu sabia de uma coisa:

O caminho que poderia levar à minha liberdade não permitiria descanso fácil.

Avisos no Caminho

Durante aqueles dias de viagem, não estávamos sozinhos nas trilhas da mata. De vez em quando, surgiam outros tropeiros vindo na direção contrária ou seguindo o mesmo caminho que nós. Aqueles caminhos antigos eram como veias abertas na terra, ligando povoados distantes e conduzindo homens, animais e mercadorias por regiões onde quase nada mais passava.

Alguns tropeiros vinham do interior do Brasil, trazendo couro, sal, ferramentas ou mantimentos. Outros seguiam em direção às terras espanholas, carregando mercadorias para vender nos povoados do outro lado da fronteira.

Sempre que dois grupos se encontravam na trilha, era costume parar.

Os homens puxavam as rédeas das mulas,

desmontavam ou ficavam apoiados nas selas, e começavam a conversar. As notícias viajavam assim, de boca em boca, levadas pelos tropeiros que cruzavam aquelas terras sem fim.

João Tropeiro parecia conhecer muitos deles. Alguns o cumprimentavam pelo nome, como velhos conhecidos de estrada. Falavam sobre caminhos melhores, rios que estavam cheios demais para atravessar, ou regiões onde ainda era possível encontrar comida e descanso para os animais.

Eu ficava um pouco afastado, segurando as mulas e escutando tudo em silêncio.

Certa manhã, encontramos um tropeiro mais velho parado à beira da trilha. Ele tinha o rosto queimado pelo sol e os olhos cansados de quem já havia cruzado aquelas matas muitas vezes.

Quando viu João, levantou a mão em cumprimento.

— *João Tropeiro...* — disse ele.

Depois olhou ao redor, como se quisesse ter certeza de que não havia mais ninguém por perto.

— *Tomem cuidado por essas bandas.*

João franziu a testa.

— *Por quê?*

O homem respondeu com uma palavra que fez o ar parecer mais pesado.

— *Maleita.*

Aquela doença era temida por todos que viajavam pelas matas quentes daquela região.

O tropeiro continuou:

— *Está tendo surto por aqui. Mosquito demais. Muito homem tem caído de febre.*

João acenou com a cabeça em sinal de concordância. Naquelas terras úmidas, bastava uma picada para derrubar um homem forte em poucos dias.

Mas aquele não foi o único aviso que recebemos. Em outro encontro, alguns dias depois, um grupo de tropeiros nos contou algo ainda mais estranho. Um deles falou em voz baixa, quase como se estivesse com medo de que a própria mata pudesse ouvir.

— *Tem gente desaparecendo por essas bandas.*

João olhou para ele com atenção.

— Desaparecendo como?

O homem deu de ombros.

— *Some... e pronto.*

Passou a mão pela barba rala.

— *Não aparecem corpos. Não ficam mulas. Nem rastro no chão.*

Um silêncio pesado caiu entre os homens.

O vento balançava as folhas altas das árvores, e por um momento tive a impressão de que a própria mata nos observava.

Então o tropeiro se aproximou um pouco mais de João.

— *Vou te dar um conselho* — disse ele. — *Se algum dia você ouvir um canto vindo da mata... ou alguém pedindo socorro... não entre na floresta.*

João cruzou os braços, desconfiado.

— *Por quê?*

O homem respondeu com um olhar sério, daqueles que não deixam dúvida.

— *Porque alguns que entraram... nunca mais voltaram.*

Descanso em Vila Bela

Depois de muitos dias atravessando mata fechada, pântanos e rios traiçoeiros, chegamos finalmente a

um povoado. Eu não sabia o nome daquele lugar quando avistamos as primeiras casas surgindo entre as árvores. Para mim, era apenas mais um pedaço de terra no meio de um mundo imenso que eu ainda não compreendia.

As construções eram simples, feitas de madeira escurecida pelo tempo e pelo sol. Algumas tinham telhados de barro, outras eram cobertas por palha grossa. As ruas eram apenas caminhos de terra batida, marcados pelos cascos de animais e pelas rodas de carroças que passavam por ali de tempos em tempos.

Só mais tarde ouvi João dizer o nome do lugar.

Vila Bela.

Para mim, aquilo não significava nada além de descanso.

As mulas chegaram tão cansadas quanto nós. Os animais respiravam pesado, com o corpo coberto de poeira seca e lama endurecida. João decidiu que ficaríamos ali por alguns dias. Era necessário. As mulas precisavam recuperar força antes de continuar a viagem.

E nós também.

Logo no primeiro dia, levamos os animais até a ferraria da vila. O som do martelo batendo no ferro ecoava alto pelo pátio de terra. O ferreiro, um homem robusto e de braços fortes, examinava cada casco com cuidado antes de trocar as ferraduras gastas.

Algumas das mulas estavam muito castigadas pela estrada.

João decidiu vender duas delas para um tropeiro que estava de passagem. O homem pagou em moedas de prata, que João contou devagar antes de guardar.

Com aquele dinheiro, completou mais umas reservas e comprou dois animais mais jovens, fortes, com o olhar vivo e as pernas firmes.

Enquanto os homens negociavam e conversavam, eu permanecia em silêncio, observando tudo e aprendendo a reconhecer os sinais do caminho.

Foi numa dessas tardes que João falou comigo sobre o destino da nossa viagem.

Sentamos perto do estábulo improvisado, enquanto o sol descia atrás das árvores altas.

— *Ainda temos estrada pela frente, Angola* — disse ele.

Eu apenas escutei.

— *Vamos atravessar para as terras da Bolívia. Nosso destino é Santa Cruz de La Sierra.*

Aquele nome soava distante, quase como algo que pertencesse a outro mundo.

João continuou:

— *Lá eu conheço uma mulher. Talvez seja a única pessoa que pode nos ajudar.*

Ele olhou ao redor antes de continuar, como se quisesse ter certeza de que ninguém estava escutando.

— *O nome dela é Rosa La Morena.*

Segundo João, ela mantinha uma casa escondida na cidade. Uma casa de mulheres. Um lugar clandestino, onde muitos homens importantes iam durante a noite para escolher prostitutas.

Era assim que ele dizia.

Homens da sociedade. Comerciantes. Oficiais. Gente poderosa.

João falou aquilo com calma, como se estivesse apenas descrevendo mais um detalhe da estrada.

Depois acrescentou algo que me fez entender o quanto aquela viagem exigia cuidado.

— *Escuta bem uma coisa, Angola* — disse ele. — *Nessa terra não dá para confiar em quase ninguém.*

Ele apontou com o queixo em direção à pequena igreja da vila.

— *Nem no padre.*

Naquela noite, enquanto cuidava das mulas no estábulo, fiquei olhando para a escuridão da mata que cercava o povoado.

Eu não sabia exatamente onde estava.

Confiava apenas nas palavras de João e no caminho que ele dizia conhecer.

Mas dentro de mim crescia a sensação de que aquela estrada ainda escondia perigos que nós sequer éramos capazes de imaginar.

Febres da Fronteira

A Febre na Estrada

Deixamos Vila Bela alguns dias depois de descansar e reorganizar a tropa. As mulas estavam alimentadas, com ferraduras novas e as cargas bem ajustadas sobre os lombos. João Tropeiro parecia

satisfeito com tudo. Antes de partirmos, ele examinou cada animal com atenção, apertou as correias das cargas e observou o caminho como quem já o conhecia de memória.

Voltamos então para as trilhas da mata.

Eu caminhava sempre atrás, conduzindo duas das mulas e seguindo o rastro do patrão. Na verdade, eu não fazia ideia de onde estávamos. Para mim, aquelas florestas pareciam todas iguais — árvores altas, sombras profundas e caminhos estreitos que se perdiam entre raízes e folhas secas. Tudo o que eu podia fazer era confiar no homem que seguia à frente.

Durante quase uma semana a viagem correu sem grandes problemas.

A mata era espessa, mas o caminho estava firme. Cruzamos pequenos córregos de água limpa, passamos por clareiras onde o sol finalmente tocava o chão e dormimos algumas noites ao pé de árvores tão grandes que seus galhos escondiam quase todo o céu.

Foi então que a doença apareceu.

No começo, foi algo pequeno. João começou a falar

menos durante o caminho. Ele sempre andava alguns passos à frente das mulas, atento a qualquer sinal da estrada. Mas naquele dia notei que ele diminuía o passo com frequência, como se o corpo estivesse pesado.

À tarde, vi o suor escorrendo pela testa dele, mesmo sem o calor ser tão forte.

Quando finalmente paramos para descansar naquela noite, os tremores começaram.

O corpo dele sacudia como se estivesse preso dentro de um vento frio que só ele sentia. Os dentes batiam e os braços tremiam sem controle.

— *Maleita...* — murmurou ele, quase sem voz.

A palavra trouxe de volta à minha memória o aviso que um tropeiro havia nos dado dias antes na estrada.

Mosquitos demais.

Febre que derrubava homens fortes.

Passei aquela noite quase inteira acordado. O corpo de João queimava como brasa, e de tempos em tempos os tremores voltavam, sacudindo o corpo dele de forma assustadora.

Enquanto observava aquilo, um pensamento

pesado não saía da minha cabeça.

Se o patrão morresse ali, no meio daquela mata infinita, eu ficaria perdido. Não saberia para onde seguir, nem como encontrar o caminho para fora daquela floresta.

Foi então que lembrei de algo que havia aprendido muito tempo antes.

Uma árvore que crescia nas matas úmidas.

Quina.

Logo ao amanhecer, caminhei pela mata ao redor do acampamento procurando por ela. Andei entre troncos grossos, cipós enrolados e raízes expostas até finalmente reconhecer a casca acinzentada da árvore.

Com minha pequena faca, retirei algumas tiras da casca amarga.

Voltei ao acampamento e preparei um chá forte, fervendo aquelas cascas na água quente.

João bebeu com dificuldade, fazendo careta por causa do gosto amargo que parecia agarrar na boca. Mas, aos poucos, o remédio pareceu ajudar.

A febre não desapareceu, mas os tremores diminuíram.

Aquilo nos deu tempo.

Tempo suficiente para seguir devagar pela trilha até alcançar o próximo povoado que João havia mencionado antes de adoecer.

San Ignácio.

O Médico de San Ignácio

Quando finalmente avistamos as primeiras casas de San Ignácio, senti um peso sair de dentro do peito. Havíamos caminhado dias inteiros com o patrão lutando contra a febre, avançando devagar pela mata, como se cada passo fosse uma pequena vitória contra a doença.

Naquela altura, João mal conseguia se manter firme sobre a sela.

O corpo dele estava fraco, os olhos fundos e o rosto pálido, diferente do homem forte que havia guiado a tropa desde o começo da viagem. A febre ainda vinha e voltava, deixando-o ora queimando de calor, ora tremendo de frio.

San Ignácio era um povoado simples, mas parecia grande depois de tantos dias no meio da floresta. As

casas eram feitas de barro batido e madeira, algumas cobertas por telhas, outras por palha grossa. Havia uma pequena praça de terra no centro e uma igreja modesta com uma cruz de madeira erguida sobre o telhado.

Assim que chegamos, algumas pessoas vieram olhar a tropa.

Logo alguém comentou que ali vivia um médico. Com ajuda de dois homens do povoado, conseguimos levar João até a casa dele no mesmo dia. O médico era um homem de idade, com barba grisalha e olhos atentos. Suas mãos eram firmes, como as de alguém acostumado a lidar com doenças e ferimentos.

Ele examinou João com cuidado, tocando sua testa, observando os olhos e escutando sua respiração. Depois de algum tempo, falou com seriedade:

— *A febre está forte. Precisamos agir rápido.*

O primeiro tratamento que ele preparou foi a sangria.

Eu nunca tinha visto aquilo de perto. O médico pegou uma pequena lâmina afiada e fez um corte no braço de João. O sangue escuro começou a escorrer

lentamente, sendo recolhido em uma tigela de metal.

Ele dizia que aquilo ajudava a retirar os males do corpo.

Enquanto observava aquela cena, senti um aperto estranho no peito, mas permaneci em silêncio.

Nos dias que se seguiram, João recebeu vários outros tratamentos. O médico preparava purgativos fortes, que faziam o corpo do patrão enfraquecer ainda mais por algumas horas. Também trazia remédios feitos com ervas da região, misturas de folhas e raízes fervidas em água.

Alguns tinham um gosto tão amargo quanto o chá de quina que eu havia preparado na mata.

Outros tinham cheiro forte, quase impossível de suportar.

Mesmo assim, João tomava tudo sem reclamar muito.

A febre continuou por vários dias. Ela vinha como ondas, subindo forte durante a noite e diminuindo um pouco durante o dia.

Houve noites em que fiquei sentado ao lado da cama dele, observando a respiração pesada e

pensando que talvez ele não resistisse até o amanhecer.

Mas o corpo do patrão era resistente.

Pouco a pouco, dia após dia, a força começou a voltar. O suor já não era tão constante, os tremores diminuíram, e ele começou a conseguir levantar da cama por alguns momentos.

Foi então que entendi que talvez a estrada ainda não tivesse terminado para nós.

Um Mês de Espera

Acabamos ficando em San Ignácio por muito mais tempo do que eu imaginava. O que parecia ser apenas uma breve parada para o patrão se recuperar acabou se transformando em quase um mês inteiro de espera.

Os primeiros dias foram os mais difíceis.

João permanecia deitado grande parte do tempo, ainda fraco por causa da febre. Às vezes tentava se levantar, mas o corpo não respondia com a mesma força de antes. O médico insistia para que ele descansasse e continuasse tomando os remédios de

ervas e os purgativos que preparava.

Enquanto isso, eu me ocupava como podia.

Todas as manhãs ia até o pequeno curral onde havíamos deixado as mulas. Limpava os cascos, verificava as ferraduras e levava os animais até um campo próximo para pastar. Depois buscava água no poço do povoado e ajudava a trazer comida para o patrão.

San Ignácio tinha um ritmo diferente das estradas. O dia começava cedo, com o canto das galinhas e o som das pessoas abrindo portas de madeira e iniciando seus trabalhos. Mulheres varriam a frente das casas, crianças corriam pela praça de terra, e alguns homens saíam para trabalhar nas roças ao redor do povoado.

À tarde o calor se tornava pesado.

O sol caía forte sobre os telhados de barro, e quase todos buscavam sombra debaixo das árvores ou dentro das casas. Nesses momentos, o povoado parecia adormecer.

João começou a melhorar pouco a pouco.

Em alguns dias ele conseguia sentar-se do lado de fora da casa onde estávamos hospedados. Ficava

observando o movimento da pequena praça enquanto conversávamos sobre a estrada que ainda nos aguardava.

— *Falta pouco agora, Angola* — dizia ele, com a voz ainda fraca. — *Santa Cruz de La Sierra não está longe.*

Eu apenas escutava.

Foi durante nossa estadia ali que João fez algo que eu não esperava.

Certo dia ele foi até as autoridades locais do povoado. Conversou longamente com alguns homens da administração espanhola que viviam ali. Mais tarde voltou e me chamou para perto.

Foi então que explicou algo importante.

Naquelas terras da Bolívia, a escravidão já havia sido abolida anos antes por ordem de Simón Bolívar, depois da independência do país.

Ali, diante da lei, eu não deveria mais ser tratado como escravo.

João disse que havia procurado as autoridades justamente para garantir que ninguém pudesse me reclamar como propriedade de outro homem.

Naquele momento, percebi algo estranho dentro de

mim.

Eu estava livre.

Mesmo assim, continuei chamando João de patrão. Talvez por costume.

Talvez porque ele havia sido o homem que me guiou até ali, através de rios, febres e matas que eu jamais conseguiria atravessar sozinho.

Depois de quase um mês, João finalmente voltou a caminhar com firmeza. Ainda estava mais magro e com o rosto marcado pela doença, mas a força havia retornado ao seu corpo.

(CONTINUA NO PRÓXIMO LIVRO)